

<http://dx.doi.org/10.26694/pensando.v17i40.8959>

Licenciado sob uma Licença Creative Commons

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0>



APRENDER COM OS COGUMELOS A PENSAR AS VIRTUDES NAS RUÍNAS DO CAPITALISMO A PARTIR DE UMA ECOLOGIA DAS PRÁTICAS: UMA LEITURA DE TSING, STENGERS E MACINTYRE

Learning from mushrooms to think about virtues in the ruins of capitalism from an ecology of practices: a reading of Tsing, Stengers, and MacIntyre

Rutiele Pereira da Silva Saraiva

IEPA/UFPI

Helder Buenos Aires de Carvalho

UFPI

Resumo: A crise ecológica contemporânea tem gerado debates e desafios para a filosofia, colocando sobretudo a tarefa de pensar a formação de sujeitos capazes de agir em condições de precariedade e interdependência. A partir dos cogumelos matsutake descritos por Anna Tsing; da ecologia das práticas de Isabelle Stengers e da ética das virtudes de Alasdair MacIntyre, este artigo defende que habitar as ruínas do capitalismo requer o cultivo de virtudes desenvolvidas em práticas concretas de convivência, atenção e cuidado. Em um primeiro momento, analisaremos como Tsing concebe a precariedade como condição ontológica da vida contemporânea, trazendo o matsutake como figura filosófica para pensar formas de existência e resistência nas zonas de perturbação. Em seguida, articularemos a ecologia das práticas de Stengers para mostrar que cada modo de agir e conhecer produz sensibilidades próprias e exige atenção às suas condições de sobrevivência. Na terceira parte, retomaremos a estrutura macintyriana das virtudes (prática, bens internos e tradição), para argumentar que ela pode ser lida ecologicamente. O diálogo entre essas três perspectivas nos permite formular cinco virtudes para habitar as ruínas: humildade ecológica; atenção; cooperação; resiliência e esperança prática. Concluímos afirmando a relevância da reflexão sobre o matsutake como um modelo filosófico de persistência relacional em tempos de colapso.

Palavras-chave: matsutake; ecologia das práticas; ética das virtudes; capitalismo; precariedade.

Abstract: The contemporary ecological crisis has generated debates and challenges for philosophy, placing above all the task of considering about the formation of subjects capable of acting under conditions of precarity and interdependence. Drawing on the matsutake mushrooms described by Anna Tsing, the ecology of practices of Isabelle Stengers, and the virtue ethics of Alasdair MacIntyre, this article argues that inhabiting the ruins of capitalism requires the cultivation of virtues developed through concrete practices of conviviality, attentiveness, and care. As a first step, we analyze how Tsing conceives of precarity as an ontological condition of contemporary life, bringing the matsutake forward as a philosophical figure for considering forms of existence and resistance in disturbance zones. We then articulate Stengers's ecology of practices to show that each mode of acting and knowing produces its own sensibilities and demands attention to its conditions of survival. In the third part, we revisit MacIntyre's structural account of virtues (practice, internal goods, and tradition) to argue that it can be read ecologically. The dialogue between these three perspectives allows us to formulate five virtues for inhabiting the ruins: ecological humility; attentiveness; cooperation; resilience; and practical hope. We conclude by affirming the relevance of reflecting on the matsutake as a philosophical model of relational persistence in times of collapse.

Keywords: matsutake; ecology of practices; virtue ethics; capitalism; precarity.

Introdução

As primeiras décadas do século XXI tornaram cada vez mais evidente o esgotamento das promessas modernas de progresso ilimitado e domínio técnico da natureza. O avanço das mudanças climáticas, com ondas de calor e incêndios em larga escala; a contaminação de rios e territórios pela mineração e pelo agronegócio; a redução drástica da biodiversidade e o agravamento das crises migratórias dos assim chamados refugiados climáticos, entre outros fatores, revelam um mundo marcado pela precariedade ecológica e pela perturbação contínua das condições de vida. Ao mesmo tempo, a expansão do capitalismo extrativista intensifica formas de destruição que atingem desde os ecossistemas às comunidades, saberes locais e modos de coexistência entre humanos e não-humanos. Assim, torna-se cada vez mais difícil sustentar a ideia de que a crise ecológica poderá ser resolvida exclusivamente por meio de inovação tecnológica, gestão racional de recursos ou crescimento econômico sustentável.

Diante desse cenário, é urgente considerar filosoficamente que o que está em jogo é algo mais fundamental: a formação de sujeitos capazes de agir em condições radicais de incerteza, interdependência e perda.

Nossa hipótese de trabalho é que as ruínas do capitalismo podem ser entendidas como espaços a partir dos quais emergem práticas e disposições que permitem à vida continuar de formas inesperadas. Para desenvolver a argumentação, buscamos dialogar com Anna Tsing, Isabelle Stengers e Alasdair MacIntyre, pensadores que, embora provenientes de tradições intelectuais distintas, compartilham uma preocupação central com as condições concretas da ação ética e do florescimento¹.

Em *O Cogumelo no Fim do Mundo: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo* (2022), a antropóloga Anna Tsing oferece uma fenomenologia das zonas de perturbação ecológica a partir do cogumelo matsutake, um fungo que cresce em florestas devastadas e cujas redes de comércio e coleta atravessam continentes. Em seu estudo a partir do matsutake, Tsing pergunta como a vida continua apesar da/através da devastação.

Isabelle Stengers, por sua vez, ao formular uma ecologia das práticas (2021), oferece ferramentas conceituais para pensar modos de conhecimento e atenção capazes de sustentar práticas de coexistência que resistam às formas de captura pelo mercado e pelas racionalidades universalizantes do Estado moderno. Para a filósofa, nenhuma prática possui acesso privilegiado à verdade do mundo; cada prática produz suas próprias obrigações, sensibilidades e modos de pertencimento. Aprender, nesse contexto, significa tornar-se capaz de ser afetado por outros seres, relações e modos de existência, cultivando uma atenção situada às interdependências que constituem a vida comum.

Alasdair MacIntyre, em *Depois da Virtude* (2001) e em *Animais Racionais e Dependentes* (1999), argumenta que as virtudes não são qualidades abstratas do indivíduo, mas disposições que emergem da participação em práticas cooperativas orientadas por bens internos. A ética das virtudes, para MacIntyre, é inseparável de uma sociologia das práticas e de uma filosofia da dependência e da vulnerabilidade.

A leitura integrada que propomos desses três autores tem como escopo produzir uma proposta simultaneamente crítica e construtiva: critica a lógica capitalista que destrói os contextos nos quais as virtudes podem florescer, bem como oferece, a partir dos próprios escombros dessa destruição, uma descrição das disposições éticas necessárias para habitar um mundo precarizado: humildade ecológica, atenção, cooperação, resiliência e esperança prática. A questão que orienta nosso percurso é, portanto: quais virtudes devem ser cultivadas para agir eticamente em um mundo marcado pela precariedade ecológica?

¹ A aproximação proposta neste artigo não pretende sugerir uma influência direta entre Tsing, Stengers e MacIntyre, mas explorar uma afinidade conceitual entre suas descrições de formas cooperativas de vida.

O artigo está disposto da seguinte forma: a primeira seção apresenta o pensamento de Tsing e o papel filosófico do matsutake. A segunda articula a ecologia das práticas de Stengers. A terceira propõe uma releitura de MacIntyre à luz das condições ecológicas contemporâneas, assumindo que tal proposta exige certo deslocamento do horizonte originalmente antropocêntrico de sua teoria das práticas. A quarta seção sintetiza cinco virtudes para habitar as ruínas. A quinta conclui retornando ao cogumelo como modelo filosófico.

1. O matsutake como figura filosófica: as ruínas do capitalismo e a vida possível

O cogumelo matsutake (*Tricholoma matsutake*) é, à primeira vista, um objeto improvável para a filosofia. Vendido a preços elevados no Japão, onde é considerado um presente de prestígio, ele cresce exclusivamente em florestas perturbadas, isto é, nos resíduos de paisagens devastadas pelo capitalismo ou simplesmente abandonadas pelo êxodo rural². Ele não pode ser cultivado em condições controladas; exige o caos e a instabilidade das florestas feridas. Essa característica singular do cogumelo é o ponto de partida de Tsing.

A escolha do matsutake como objeto central de *O Cogumelo no Fim do Mundo* não é acidental. Além de etnográfica, trata-se de uma decisão filosófica. Tsing seleciona um ser que prospera nas margens, nas zonas de perturbação, nas paisagens que o capitalismo considerou inúteis e abandonou. Ao fazer isso, a autora inverte a pergunta filosófica habitual sobre a natureza e o florescimento: em vez de quais são as condições ideais para a vida boa, ela pergunta como a vida continua nas condições precárias que o capitalismo produziu.

Essa inversão é metodologicamente importante, uma vez que recusa tanto o pessimismo paralisante quanto o otimismo ingênuo que projeta um futuro redentor além das ruínas. Tsing propõe uma terceira via: prestar atenção ao que já está acontecendo nas margens, nas fendas, nos interstícios do sistema, sendo o matsutake o símbolo desta atenção.

Estamos presos ao problema do viver apesar da ruína econômica e ecológica. As fábulas de progresso ou de ruína não nos ensinam como pensar sobre a sobrevivência colaborativa. É hora de prestarmos atenção na colheita de cogumelos. Não que isso vá nos salvar - mas pode abrir as portas da nossa imaginação³.

O conceito chave do livro de Tsing é o de precariedade, entendida como a condição ontológica fundamental da vida contemporânea. Ela escreve que vivemos em tempos precários nos quais não podemos assumir que a acumulação conduzirá ao progresso estável. Para ela, reconhecer a precariedade é o primeiro passo para perceber as formas de vida que ela torna possíveis.

A precariedade é a condição de estarmos vulneráveis aos outros. Os encontros imprevisíveis nos transformam; não estamos no controle, nem de nós mesmos. Incapazes de contar com uma estrutura estável de comunidade, somos jogados em agenciamentos instáveis, que nos refazem e também transformam nossos outros.⁴

Essa perspectiva desafia a teleologia do progresso que sustentou tanto o liberalismo político quanto o marxismo clássico, ou seja, a ideia de que a história possui

² TSING, Anna Lowenhaupt. *O cogumelo no fim do mundo...*, p. 37.

³ TSING, Anna Lowenhaupt. *O cogumelo no fim do mundo...*, p. 62.

⁴ TSING, Anna Lowenhaupt. *O cogumelo no fim do mundo: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo*. Trad. Jorge Menna Barreto e Yudi Rafael. São Paulo: n-1 edições, 2022, p. 64.

uma direção e que a humanidade caminha, por meio do trabalho e da razão, rumo a um estado de maior realização. O capitalismo contemporâneo, com sua destruição ecológica sistemática, tornou esta narrativa insustentável. Tsing então desloca o olhar das grandes narrativas totalizantes para as histórias múltiplas, parciais e entrelaçadas que continuam emergindo nas ruínas do capitalismo.

A noção de perturbação ecológica (*disturbance ecology*) é central para este argumento. Nas ciências ecológicas, perturbação designa qualquer evento que interrompe a estrutura de um ecossistema (incêndios, tempestades, desmatamento, introdução de espécies invasoras etc). Ao ampliar esse conceito, Tsing⁵ compreende a perturbação produzida pelo capitalismo como o próprio meio histórico e ecológico em que formas de vida novas, precárias e inesperadas passam a emergir. O matsutake é prova disso, pois não existiria sem a perturbação das florestas⁶.

Para descrever as formas de vida que emergem nas ruínas, Tsing utiliza o conceito de *assemblage* ou assembleia, emprestado de Deleuze e Guattari, mas reelaborado em chave ecológica e etnográfica⁷. Uma *assemblage* é um agrupamento de elementos heterogêneos, humanos e não-humanos, orgânicos e inorgânicos, locais e globais, que produzem algo que nenhum dos elementos poderia produzir sozinho. Sobre a potência analítica dessa noção, Tsing⁸ observa: “O conceito de assembleia pode nos ser útil. Os ecólogos recorreram a essa noção para contornar as conotações por vezes demasiadamente fixas e limitadas de ‘comunidade’ ecológica”. O matsutake é uma *assemblage*, isto é, existe apenas na relação entre fungo, pinheiro, solo, coletor humano, rede de comércio, consumidor japonês e paisagem florestal perturbada.

Dessa análise, surge o conceito de sobrevivência colaborativa (*collaborative survival*), a partir do qual Tsing argumenta que a sobrevivência tanto dos cogumelos quanto dos seres humanos que deles dependem é sempre colaborativa, por meio de relações de interdependência que atravessam as fronteiras entre espécies, culturas e sistemas econômicos. A premissa ontológica é de que não existem seres autossuficientes, apenas redes de relações.

A precariedade é um estado de reconhecimento da nossa vulnerabilidade aos outros. Para sobreviver, nós precisamos de ajuda, e a ajuda é sempre um serviço de outrem, intencional ou não. [...] Colaborações nos transformam, seja no interior de nossa espécie ou entre espécies distintas. Tudo o que é importante para a vida no planeta Terra acontece nessas transformações e não nos diagramas de decisão de indivíduos autônomos.⁹

Essa ontologia relacional implica que a ética não pode ser fundada na autonomia do sujeito racional isolado, como pressupõe, por exemplo, grande parte da tradição de origem kantiana. Ela precisa partir da dependência e da interdependência como condições originárias da existência (humana e não-humana, vale salientar). Como veremos, essa virada converge com a que MacIntyre operou em *Animais Racionais Dependentes*, ao colocar a vulnerabilidade e a dependência no centro de sua teoria das virtudes.

⁵ TSING, Anna Lowenhaupt. *O cogumelo no fim do mundo...*, pp. 237-238.

⁶ TSING, Anna Lowenhaupt. *O cogumelo no fim do mundo...*, p. 225.

⁷ “Por fim, temos a noção de assembleia, do inglês *assemblage*. Como já elaborado por Anna Tsing no prefácio de *Viver nas ruínas*, o termo em inglês mantém-se aberto a legados distintos que não se encontram nesta tradução. Se *assemblage* é tanto agenciamento, tal como utilizado pelos autores franceses Gilles Deleuze e Félix Guattari, quanto *assembleia*, vocábulo próprio ao campo da ecologia da paisagem, a nossa tradução optou pelo último termo, pois este abarca o legado privilegiado pela autora em seu uso do termo.” TSING, Anna Lowenhaupt. *O cogumelo no fim do mundo: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo*. Trad. Jorge Menna Barreto e Yudi Rafael. São Paulo: n-1 edições, 2022, p. 25. Nota do prefácio.

⁸ TSING, Anna Lowenhaupt. *O cogumelo no fim do mundo...*, p. 67.

⁹ TSING, Anna Lowenhaupt. *O cogumelo no fim do mundo...*, p. 75.

A arte de notar (*the art of noticing*) é, neste contexto, a capacidade prática de prestar atenção às *assemblages*, de perceber as relações que constituem um lugar, de aprender com os seres não-humanos e com as comunidades que desenvolveram formas de vida nas margens do capitalismo. Esse gesto metodológico é formulado pela própria autora: “Para aprender qualquer coisa, devemos revitalizar as artes de notar e incluir a etnografia e a história natural”¹⁰. Tsing pratica esta arte ao longo de todo o livro e, ao fazê-lo, sugere que ela é também uma disposição ética fundamental para quem habita as ruínas.

2. Isabelle Stengers e a Ecologia das práticas (de atenção)

A expressão “ecologia das práticas” foi formulada pela filósofa Isabelle Stengers para designar um projeto que toma as práticas, sejam elas científicas, artesanais, políticas, rituais ou terapêuticas, como o ponto de partida irreduzível do pensamento. Uma prática, para Stengers, é um modo de existência que cria seus próprios critérios de excelência, suas próprias formas de pertencimento e suas próprias condições de sobrevivência.

Uma ecologia de práticas não tem nenhuma ambição de descrever práticas “como elas são”; ela resiste à palavra do mestre/senhor de um progresso que justificaria sua destruição. Ela visa à construção de novas “identidades práticas” para as práticas, ou seja, novas possibilidades para que elas estejam presentes, ou em outras palavras, para que elas se conectem. Assim sendo, não se abordam as práticas como elas são - físicas como as conhecemos, por exemplo - mas como elas podem devir.”¹¹

O projeto de Stengers é ecológico no sentido de que cada prática ocupa um nicho no ecossistema das formas de vida humanas, e que as práticas dependem de condições ambientais, sociais, políticas, institucionais etc, para continuar existindo. Do mesmo modo que um ecossistema é uma rede de interdependências entre organismos, o mundo das práticas humanas é uma rede de interdependências entre modos de agir, de conhecer e de valorar. Nenhuma prática existe isolada; cada uma pressupõe e é pressionada pelas outras.

O que chamo de ecologia de práticas é uma ferramenta para pensar em meio ao que está acontecendo, e uma ferramenta nunca é neutra. Uma ferramenta pode ser passada de mão em mão, mas cada vez que o gesto de a pegar acontecer, ele será particular - a ferramenta não é um meio geral, definido como adequado para um conjunto de propósitos particulares [...] O hábito de quem usa a ferramenta pode tornar plausível falar em reconhecimento, e não em decisão, como se aquelas situações em que essa ou aquela ferramenta deva ser usada tivessem algo em comum, uma mesmice que justifica o uso da mesma ferramenta.”¹²

De modo consequente, Stengers recusa a hierarquia entre as práticas, opondo-se à pretensão da ciência moderna de ocupar um patamar superior de racionalidade a partir do qual todas as outras formas de conhecimento seriam julgadas. Para ela, a prática produz sensibilidades próprias que não são diretamente traduzíveis nos termos de outra. Não se trata de relativismo, pois a autora não nega que algumas práticas sejam mais rigorosas, mais justas ou mais cuidadosas do que outras. Trata-se de uma exigência

¹⁰ TSING, Anna Lowenhaupt. *O cogumelo no fim do mundo...*, p. 85.

¹¹ STENGERS, Isabelle. “Notas introdutórias sobre uma ecologia de práticas”..., pp. 13-14.

¹² STENGERS, Isabelle. “Notas introdutórias sobre uma ecologia de práticas”. Trad. Sebastian Wiedemann. In: MATTOS, Wladimir (coord.). *Artecompostagem’21*. São Paulo: Unesp, Instituto de Artes, 2021, p. 12.

de atenção, ou seja, antes de julgar uma prática a partir de fora, é necessário compreender o que ela faz, o que ela protege e o que ela exige.

Um dos conceitos da filosofia de Stengers que podemos tomar, nesse contexto, é o de aprender a ser afetado, que ela elabora em diálogo com Bruno Latour. Para Stengers, significa tornar-se capaz de ser afetado por outros seres, por outras práticas, por outras formas de vida¹³. É desenvolver, assim, a sensibilidade necessária para perceber o que antes passava despercebido. Tal concepção de aprendizagem implica que o conhecimento ético é um processo de formação da sensibilidade (de educação das emoções, da percepção e da atenção). Stengers aproxima-se aqui, sem o dizer explicitamente, da tradição aristotélica: o que ela descreve como “aprender a ser afetado” é uma forma de descrever o processo pelo qual se adquirem as virtudes.¹⁴

Eu uso o termo ‘obrigação’ para caracterizar o que é saber que você pertence. Os praticantes têm obrigações. Nem tudo o que eles podem fazer tem o mesmo valor. Esse é o fato primordial para uma ecologia de práticas, e se você a torna relativa a algo que você pode identificar e relacioná-la a categorias mais gerais, você insulta os praticantes.”¹⁵

Aqui notamos uma conexão com Tsing: os coletores de matsutake aprendem a prestar atenção na floresta, sem dominá-la. Eles desenvolvem, ao longo de anos de prática, a capacidade de perceber sinais imperceptíveis para os não iniciados, como a textura do solo, a configuração das raízes dos pinheiros, a umidade do ar, a disposição de certas plantas ao redor dos locais onde o fungo tende a aparecer. Esse aprendizado é um exemplo do que Stengers chama de “ser afetado”, pois os coletores transformam-se através da relação com a floresta, sendo efetivamente formados por ela.

Para Stengers, toda prática corre o risco de ser capturada pelas racionalidades políticas e econômicas que procuram subordiná-la a critérios externos de desempenho, produtividade e utilidade. Nesses processos de captura, as práticas deixam de cultivar seus próprios modos de atenção, obrigação e pertencimento, tornando-se progressivamente incapazes de produzir os bens internos que lhes davam sentido e consistência (esse conceito articula-se, como veremos posteriormente, com a crítica de MacIntyre ao capitalismo): “Se deve haver uma ecologia de práticas, as práticas não devem ser defendidas como se fossem fracas. O problema de cada prática é como acolher sua própria força, tornar presente o que faz com que os praticantes pensem, sintam e ajam”.¹⁶

Stengers especifica que as condições básicas de sobrevivência das práticas se dão através do cuidado com as relações, com os espaços e com as comunidades que as sustentam. Esse cuidado com as condições de existência das práticas é, argumenta-se aqui, uma forma de virtude. É a disposição de proteger o que torna possível o agir bem. Não por meio de um cálculo egoísta, mas pelo reconhecimento de que os bens que importam são sempre bens de uma prática; e que uma prática só existe na medida em que há pessoas comprometidas com sua excelência e com as condições que a tornam possível. Essa disposição, que poderíamos compreender como uma forma de cuidado ecológico, constitui um dos pontos de aproximação entre Stengers e MacIntyre.

¹³ A noção stengeriana de “aprender a ser afetado” dialoga indiretamente com a tradição espinosana, sobretudo com a compreensão dos afetos como variações da potência de agir produzidas nos encontros entre corpos e modos de existência.

¹⁴ A expressão “aprender a ser afetado” remete originalmente ao vocabulário de Bruno Latour. Ver: LATOUR, Bruno. *How to Talk About the Body? The Normative Dimension of Science Studies*. *Body & Society*, v. 10, n. 2-3, p. 205-229, 2004. Stengers retoma e elabora o conceito em chave ecológica e cosmopolítica.

¹⁵ STENGERS, Isabelle. “Notas introdutórias sobre uma ecologia de práticas” ..., p. 19.

¹⁶ STENGERS, Isabelle. “Notas introdutórias sobre uma ecologia de práticas” ..., p. 26.

3. Relendo MacIntyre ecologicamente: virtudes nas ruínas

Em *Depois da Virtude* (2001), Alasdair MacIntyre propõe uma recuperação da ética aristotélica das virtudes contra o que ele descreve como o fracasso do projeto iluminista de fundamentar a moral em bases racionais universais¹⁷. Para MacIntyre, as virtudes não são qualidades abstratas do indivíduo racional, e sim disposições que emergem da participação em práticas, isto é, atividades cooperativas socialmente estabelecidas por meio das quais bens internos são alcançados.

O significado que darei a “prática” será o de qualquer forma coerente e complexa de atividade humana cooperativa, socialmente estabelecida, por meio da qual os bens internos a essa forma de atividade são realizados durante a tentativa de alcançar os padrões de excelência apropriados para tal forma de atividade, e parcialmente dela definidores, tendo como consequência a ampliação sistemática dos poderes humanos para alcançar tal excelência, e dos conceitos humanos dos fins e dos bens envolvidos.¹⁸

A distinção entre bens internos e bens externos é central para compreender a crítica de MacIntyre ao capitalismo. Os bens externos (dinheiro, status, poder) são contingentemente relacionados a qualquer prática específica; eles podem ser obtidos por meio de diversas atividades e tendem a ser objetos de competição. Os bens internos (a excelência específica que se alcança ao praticar bem uma atividade, como a beleza de um movimento no xadrez ou a habilidade de um pescador que conhece seu rio) só podem ser alcançados por quem participa efetivamente da prática e reconhece seus padrões de excelência. Eles não são objetos de competição no mesmo sentido. Quando alguém os alcança, a comunidade da prática se beneficia.

Ingrossar numa prática é ingressar numa relação não só com seus praticantes contemporâneos, mas também com aqueles que nos precederam na prática, em especial aqueles cujas realizações tenham ampliado o alcance da prática para que atingisse o ponto atual.¹⁹

As virtudes emergem precisamente como as disposições necessárias para alcançar os bens internos das práticas: “A virtude é uma qualidade humana adquirida, cuja posse e exercício costuma nos capacitar a alcançar aqueles bens internos às práticas e cuja ausência nos impede, para todos os efeitos, de alcançar tais bens.”²⁰ Sem coragem, justiça, honestidade e prudência, não é possível participar bem de nenhuma prática que valha a pena. E sem práticas que valham a pena, isto é, sem práticas orientadas por bens internos genuínos, as virtudes não têm onde se enraizar²¹.

Em *Animais Racionais Dependentes*, MacIntyre acrescenta as dimensões da vulnerabilidade e da dependência como condições originárias da existência humana. Somos animais que dependem dos outros ao longo de toda a nossa vida, não apenas na infância e na velhice, mas em todos os momentos em que nossa capacidade de raciocinar e agir é limitada pela doença, pelo luto, pelo medo ou simplesmente pela finitude. Esta

¹⁷ CARVALHO, Helder Buenos Aires de. *Hermenêutica e Filosofia Moral em Alasdair MacIntyre*. Curitiba: Editora CRV, 2013.

¹⁸ MACINTYRE, Alasdair. *Depois da Virtude: um estudo em teoria moral*. Trad. Jussara Simões. Revisão técnica de Helder Buenos Aires de Carvalho. Bauru: EDUSC, 2001, p. 316.

¹⁹ MACINTYRE, Alasdair. *Depois da Virtude...*, p. 325.

²⁰ MACINTYRE, Alasdair. *Depois da Virtude...*, p. 321.

²¹ Para uma análise abrangente da estrutura da ética das virtudes em MacIntyre, cf. CARVALHO, Helder Buenos Aires de. *Hermenêutica e Filosofia Moral em Alasdair MacIntyre*. Curitiba: Editora CRV, 2013.

dependência, longe de ser um defeito a ser superado, é a condição a partir da qual as virtudes do cuidado e da generosidade fazem sentido²².

Embora MacIntyre não desenvolva uma ética ecológica em sentido forte²³, ao propormos um diálogo de sua teoria à luz de Tsing e Stengers, surgem as seguintes questões: que práticas emergem nas zonas de perturbação? Quais virtudes se desenvolvem nas margens das tradições destruídas? O que podem aprender, sobre a vida boa, as comunidades que habitam as ruínas?

A releitura ecológica de MacIntyre que se propõe aqui busca operar um deslocamento da estrutura conceitual pensada por ele. A tríade prática, bens internos e virtudes permanece intacta, mudando apenas o cenário: em vez de presumir comunidades estáveis em tradições contínuas, partimos das condições descritas por Tsing, quais sejam, paisagens perturbadas, comunidades parcialmente desfeitas, tradições fragmentadas, e perguntamos como a estrutura macintyriana pode iluminar nesse contexto.

É relevante mencionar que a aproximação entre MacIntyre, Tsing e Stengers exige reconhecer tensões filosóficas entre a tradição aristotélica das virtudes e as ontologias relacionais contemporâneas. Enquanto MacIntyre preserva uma concepção teleológica do florescimento humano fundada em práticas comunitárias relativamente estáveis, Tsing e Stengers deslocam o foco para ecologias contingentes de coexistência multiespécie, marcadas pela precariedade, pela vulnerabilidade e pela ausência de fundamentos universais. A releitura ecológica proposta neste artigo não busca eliminar essa tensão, mas explorar suas possibilidades produtivas para pensar a formação ética em condições de perturbação ecológica apresentadas no contexto contemporâneo.

A primeira consequência dessa releitura é que as práticas relevantes para a ética ecológica contemporânea são frequentemente práticas de fronteira, ou seja, atividades que emergem precisamente nas zonas de contato entre sistemas econômicos diferentes, entre comunidades humanas e não-humanas, entre saberes formais e saberes práticos locais. A coleta de matsutake é um exemplo: ela é uma prática que articula conhecimentos ecológicos locais, redes comerciais transnacionais, relações multiespécies e formas de vida comunitária que escapam parcialmente à lógica da eficiência.

Um segundo desdobramento é que os bens internos dessas práticas não são facilmente quantificáveis ou reconhecíveis pelos padrões do mercado capitalista. Eles incluem o conhecimento da floresta como um bem em si mesmo, como uma forma de sabedoria prática que só se desenvolve através de anos de atenção e cuidado. Incluem também a manutenção de relações de reciprocidade com os outros seres da floresta, a preservação de ritmos de coleta que respeitam os ciclos do fungo e do ecossistema, e a participação em comunidades de prática que transmitem esses saberes entre gerações.

Por fim, a terceira consequência dessa releitura é que as virtudes que sustentam essas práticas são, em parte, virtudes novas ou, mais precisamente, virtudes antigas que precisam ser redescobertas e articuladas num vocabulário filosófico contemporâneo. É o que pretendemos fazer na seção seguinte.

4. Virtudes para habitar as ruínas

A articulação entre Tsing, Stengers e MacIntyre permite formular um conjunto de virtudes necessárias para agir bem nas condições de precariedade ecológica contemporânea. Estas virtudes emergem de práticas concretas (como a coleta de matsutake) e só podem ser compreendidas em relação às práticas que as produzem e que

²² MACINTYRE, Alasdair. *Dependent Rational Animals...*, pp. 1-9.

²³ Para uma ampliação da ética das virtudes de MacIntyre às questões ecológicas, ver SOUSA, José Elielton de. *As virtudes da responsabilidade compartilhada: uma ampliação da teoria das virtudes de Alasdair MacIntyre*. Curitiba: Editora CRV, 2017.

elas, por sua vez, sustentam. Apresentaremos a seguir cinco dessas virtudes, sendo elas humildade ecológica, atenção, cooperação, resiliência e esperança prática.

A primeira virtude é a humildade ecológica, isto é, a disposição de reconhecer os limites do próprio poder e do próprio conhecimento diante da complexidade dos sistemas vivos. Esta virtude tem raízes em todas as três tradições mobilizadas aqui.

Para Tsing, ela aparece como o reconhecimento de que os cogumelos não podem ser cultivados em condições controladas, que as florestas são sistemas de complexidade irreduzivelmente maior do que qualquer modelo humano pode capturar²⁴, e que as melhores comunidades de coletores são aquelas que aprenderam a trabalhar com esta incerteza em vez de tentar eliminá-la. Na ecologia das práticas de Stengers, ela se manifesta na recusa da pretensão de qualquer prática (incluindo a ciência) possuir uma perspectiva absoluta sobre o real. Toda prática conhece apenas o que sua sensibilidade específica lhe permite perceber; reconhecer este limite é a condição para a aprendizagem e para o diálogo entre práticas²⁵. Em MacIntyre, ela ressoa com o reconhecimento da dependência considerada central em *Animais Racionais Dependentes*: somos seres vulneráveis e dependemos dos outros e do mundo não-humano para nossa existência²⁶.

A humildade ecológica é, pois, a condição de possibilidade da ação sábia. Apenas quem reconhece os limites do próprio poder é capaz de agir de modo a não reproduzir os danos que pretende evitar.

A segunda virtude é a atenção. Trata-se da disposição de prestar atenção às relações invisíveis que constituem um lugar, de notar o que normalmente passa despercebido, de deixar-se afetar pelo que acontece ao redor.

Enquanto a atenção em Tsing é descrita como a “arte de notar”, ou seja, a capacidade de perceber os sinais que a floresta oferece, de rastrear as redes de relações que conectam fungos, árvores, animais e seres humanos, de ver nas margens o que o olhar dominante ignora (esta arte se desenvolve através de anos de prática e de imersão em comunidades que a valorizam e a transmitem); para Stengers, ela aparece como a dimensão fundamental do “aprender a ser afetado”. Assim, não é possível aprender com outros seres sem desenvolver a capacidade de prestar atenção ao que fazem, ao que exigem e ao que oferecem. A atenção é a virtude que torna possível o diálogo entre práticas heterogêneas, pois impede que uma prática projete sobre as outras os seus próprios critérios. Já para MacIntyre, a atenção corresponde à *phronesis*, isto é, a capacidade de perceber o que uma situação particular exige, de discernir quais princípios gerais são relevantes e como devem ser aplicados²⁷.

A atenção é particularmente urgente nas condições ecológicas contemporâneas, uma vez que o capitalismo produz indivíduos orientados para extrair o máximo de recursos no menor tempo possível, sem tempo ou disposição para notar o que está acontecendo ao redor. Recuperar a atenção é, neste sentido, um ato de resistência e de formação ética.

A terceira virtude é a cooperação, a disposição de agir em conjunto com outros seres, humanos e não-humanos, reconhecendo que os bens mais importantes só podem ser alcançados através de esforços compartilhados.

Na obra de Tsing, a *assemblage* do matsutake é um sistema de cooperação multiespécie no qual fungos, pinheiros, microrganismos do solo e coletores humanos

²⁴ TSING, Anna Lowenhaupt. *O cogumelo no fim do mundo...*, p. 225.

²⁵ STENGERS, Isabelle. “Notas introdutórias sobre uma ecologia de práticas”..., p. 22.

²⁶ MACINTYRE, Alasdair. *Dependent Rational Animals...*, p. 5.

²⁷ “No raciocínio prático, a posse dessa virtude não se manifesta tanto no conhecimento de um conjunto de generalizações ou máximas que podem proporcionar as nossas inferências práticas premissas maiores; sua presença ou ausência, pelo contrário, surge no tipo de capacidade de juízo que o agente possui ao saber como escolher dentre as máximas apropriadas e como aplicá-las em situações particulares”. MACINTYRE, Alasdair. *Depois da Virtude: um estudo em teoria moral*. Trad. Jussara Simões. Revisão técnica de Helder Buenos Aires de Carvalho. Bauru: EDUSC, 2001, p. 375.

produzem conjuntamente algo que nenhum deles poderia produzir sozinho. A sobrevivência colaborativa aqui representa uma descrição literal de como o matsutake existe.

Para Stengers, há interdependência entre as práticas: aqui, nós consideramos essa interdependência como índice da cooperação, que entendemos como uma virtude de extrema importância para o contexto aqui tematizado. A cooperação, decorrente da interdependência entre as práticas consideradas ecologicamente, também é condição de possibilidade das práticas. Para a autora, nenhuma prática sobrevive isolada, pois depende de outras práticas, de outras comunidades e de outros saberes para existir e prosperar. A ecologia das práticas é, assim, uma descrição das formas de cooperação (e de conflito) que constituem o mundo das atividades humanas e não-humanas.

Já para MacIntyre, uma prática é, por definição, uma atividade cooperativa socialmente estabelecida. Podemos entender, assim, que a cooperação é inerente à estrutura das práticas. Os bens internos de uma prática só são possíveis quando há uma comunidade de praticantes que compartilha padrões de excelência, que ensina os novatos, que critica os que se desviam e que sustenta as condições materiais e sociais necessárias para a prática continuar. Sem cooperação, não há prática e sem prática, não há virtude.

A quarta virtude é a resiliência. Vale ressaltar que a resiliência aqui não deve ser entendida como a capacidade de retornar a um estado anterior após um distúrbio (a definição técnica da ecologia), e sim como a disposição de continuar agindo em condições de perda, incerteza e transformação irreversível. Trata-se de uma importante distinção, pois a resiliência como retorno ao estado anterior pressupõe que havia um estado ideal a ser preservado; o que é, em muitos casos, uma pressuposição insustentável nas condições da crise ecológica sob a qual nos encontramos. Muitas das perdas que estamos vivendo são irreversíveis.

Para Tsing, a resiliência aparece na figura do próprio matsutake, que cresce nas ruínas porque desenvolveu, ao longo de sua história evolutiva, a capacidade de estabelecer relações simbióticas com árvores estressadas e de prosperar em solos pobres que outros fungos não conseguem colonizar. Trata-se de uma resiliência que cresce através do dano. Para os coletores humanos, a resiliência se manifesta na capacidade de manter práticas de convivência e de conhecimento mesmo quando as condições econômicas e ecológicas se deterioram.

Em MacIntyre, a resiliência corresponde à virtude da constância²⁸, isto é, à disposição de perseverar na prática das virtudes mesmo quando as circunstâncias tornam isso difícil ou custoso. Esta virtude é central no pensamento macintyriano porque ele reconhece que os contextos sociais contemporâneos são frequentemente hostis à prática da virtude, e que é necessária uma determinação especial para manter os compromissos éticos quando o ambiente não os sustenta.

A quinta e última virtude é a esperança prática. Trata-se da disposição de agir em direção a um bem possível, mesmo sem a garantia de que será alcançado e diante da evidência de que as condições atuais são adversas. Essa virtude é distinta tanto do otimismo ingênuo quanto do desespero paralisante, pois o otimismo ingênuo pressupõe que as coisas necessariamente melhorarão; já o desespero paralisante pressupõe que nada pode mudar. A esperança prática é uma disposição mais sóbria que reconhece a realidade da perda e da devastação, mas que se recusa a concluir que a ação ética é, por isso, inútil ou sem sentido.

²⁸ “(...) sem a constância, todas as outras virtudes, de certa forma, perdem o sentido. A constância é fortalecida pela virtude cristã da paciência e também a fortalece, mas não é o mesmo que paciência, assim como a paciência, que é fortalecida pela virtude aristotélica da coragem e também a fortalece, não é o mesmo que coragem. Assim como a paciência requer necessariamente o reconhecimento do caráter do mundo, de um tipo que a coragem não requer, a constância também requer o reconhecimento de determinado tipo de ameaça à integridade da personalidade no mundo social caracteristicamente moderno (...)”. MACINTYRE, Alasdair. *Depois da Virtude...*, p. 405.

Em Tsing, a esperança prática aparece na própria escolha metodológica do livro, no qual em vez de se ater à escrita de mais um diagnóstico do colapso, a autora decide prestar atenção às formas de vida que emergem nas ruínas. Trata-se de um gesto de esperança prática. Aqui, não nos referimos à esperança de que o capitalismo será superado por uma força histórica inevitável, mas à esperança de que a atenção ao que já está acontecendo nas margens possa revelar caminhos que o olhar dominante não percebe.

Ao final de *Depois da Virtude*, MacIntyre evoca a esperança como a virtude que sustenta a busca por novas formas de comunidade num momento de colapso moral. O que se propõe aqui é uma releitura ecológica desta esperança que não consiste em aguardar uma solução salvadora que venha de fora (um novo São Bento, um novo sistema político, uma nova tecnologia)²⁹, mas em sustentar, no momento presente, as práticas que permitem a continuidade da vida.

A esperança prática é, neste sentido, a virtude que confere unidade às outras quatro. Sem ela, a humildade ecológica pode degenerar em fatalismo, a atenção em melancolia, a cooperação em simples necessidade e a resiliência em mera sobrevivência. Com ela, estas disposições se articulam numa forma de vida que é, ao mesmo tempo, crítica do capitalismo e construtora de alternativas.

5. Fazer das ruínas virtudes: conclusão

Este artigo partiu da seguinte pergunta: quais virtudes devem ser cultivadas para agir eticamente em um mundo marcado pela precariedade ecológica? A argumentação buscou demonstrar que Tsing, Stengers e MacIntyre, embora provenientes de tradições intelectuais distintas, convergem num ponto fundamental segundo o qual a ética não pode ser pensada a partir de princípios abstratos aplicados por um sujeito isolado, pois ela precisa ser enraizada nas práticas concretas de convivência, atenção e cuidado que constituem as formas de vida reais.

A proposta filosófica que emerge desta articulação pode ser formulada nos seguintes termos: se Tsing mostra que a vida continua nas ruínas, Stengers ensina que essa continuidade depende de práticas capazes de prestar atenção às relações que constituem o mundo. Por sua vez, MacIntyre lido em chave ecológica, tal como propusemos, nos permite compreender como tais práticas formam virtudes necessárias para uma vida boa em tempos de crise. A expressão “fazer das ruínas virtudes” ganha, assim, o sentido filosófico de que as ruínas podem ser lidas como espaços de aprendizagem em que emergem disposições éticas que permitem habitar um mundo ferido sem reproduzir a lógica que o destrói.

O cogumelo matsutake pode ser percebido, no final deste percurso, como irreduzível à sua consideração enquanto objeto etnográfico ou estudo de caso interessante. Nesse sentido, sua importância como um modelo filosófico de persistência relacional em tempos de colapso se torna digna de nota: crescendo nas margens, nas paisagens abandonadas, estabelecendo relações simbióticas com seres que o capitalismo considerou inúteis, o matsutake cria algo novo sob as condições do presente, despojado de pretensões de restauração de uma natureza idealizada.

As virtudes que emergiram deste estudo (humildade ecológica, atenção, cooperação, resiliência e esperança prática) não foram expostas com qualquer intenção de exaurir o tema. Elas são, antes de mais nada, um convite para a continuação do trabalho de pensar com os cogumelos; um convite a prestar atenção ao que já está acontecendo, a aprender com as práticas que sobrevivem nas zonas de perturbação, e a cultivar as disposições que permitem à vida continuar de formas que ainda não conseguimos imaginar completamente.

²⁹ MACINTYRE, Alasdair. *Depois da Virtude...*, p. 441.

A contribuição deste artigo à filosofia moral contemporânea consiste em mostrar que a ética das virtudes, uma tradição frequentemente associada a contextos sociais estáveis e comunidades homogêneas, pode ser relida ecologicamente para responder às condições da crise ecológica pela qual passamos. Essa releitura exige abandonar a ideia de estabilidade que orientou grande parte da ética ocidental e reconhecer que a vida ética também se forma em contextos de vulnerabilidade, ruptura e incerteza. Com os cogumelos e com os coletores que dependem deles, aprendemos que as virtudes podem surgir também em contextos de ruptura, onde persistir exige atenção, cooperação e capacidade de habitar as ruínas.

Referências

LATOUR, Bruno. "How to Talk About the Body? The Normative Dimension of Science Studies". In: *Body & Society*. London: SAGE, v. 10, n. 2-3, 2004, pp. 205-229.

MACINTYRE, Alasdair. *Dependent Rational Animals: Why Human Beings Need the Virtues*. Chicago: Open Court, 1999.

MACINTYRE, Alasdair. *Depois da Virtude: um estudo em teoria moral*. Trad. Jussara Simões. Revisão técnica de Helder Buenos Aires de Carvalho. Bauru: EDUSC, 2001.

CARVALHO, Helder Buenos Aires de. *Hermenêutica e Filosofia Moral em Alasdair MacIntyre*. Curitiba: Editora CRV, 2013.

SOUZA, José Elielton de. *As virtudes da responsabilidade compartilhada: uma ampliação da teoria das virtudes de Alasdair MacIntyre*. Curitiba: Editora CRV, 2017.

STENGERS, Isabelle. "Notas introdutórias sobre uma ecologia de práticas". Trad. Sebastian Wiedemann. In: MATTOS, Wladimir (coord.). *Artecompostagem'21*. São Paulo: Unesp, Instituto de Artes, 2021.

TSING, Anna Lowenhaupt. *O cogumelo no fim do mundo: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo*. Trad. Jorge Menna Barreto e Yudi Rafael. São Paulo: n-1 edições, 2022.

Doutoranda em Filosofia (UFPI)

Professora do IFPA

E-mail: rutielesaraiva@gmail.com

Doutor em Filosofia (UFMG, 2004)

Professor do Departamento de Filosofia (UFPI)

Professor do PPG Filosofia (UFPI)

E-mail: hbac@ufpi.edu.br